

Líderes criticam aumento de juros

Márcia Raposo
de São Paulo

"Foi uma tijolada na cabeça esse aumento da TJLP agora, quando o caixa dos que produzem está mais baixo e o custo dos projetos em andamento ainda vai subir mais. A fórmula de cálculo do BNDES reflete o passado, ou seja, uma situação já superada pelo País com o acerto de novas linhas de crédito do FMI, Bird e as nações mais ricas e o governo poderia ter pelo menos tomado a decisão de não aumentar os seus juros de fomento", disse ontem Luiz Fernando Furlan, presidente da Sadia e o novo líder empresarial eleito do Forum Gazeta Mercantil, lembrando que no passado quando a TR subiu, a base de cálculo da taxa de fomento do País foi reformulada para não ficar muito distante das taxa de fomento dos países mais industrializados.

A Usiminas, segundo disse ontem a este jornal Rinaldo Campos Soares, presidente da siderurgica, vai ver hoje o impacto para o seus custos até março desse aumento da TJLP, uma vez que a companhia está tocando o projeto da galvanização com dinheiro do BNDES. Há também as dívidas da Cosipa como o banco de fomento serem pesadas, agora, que com a cisão da siderurgica paulista, a parte mais endividada vai controlar a Usiminas. "As vendas de aço já não estão boas e um aumento de custo desses não ajudará em nada a economia em geral", comentou Soares, lembrando que o primeiro trimestre do ano já não é, normalmente, um dos mais fortes para os negócios.

A previsão da General Motors, que vende cerca de 3 a 4 mil caminhões mais pesados (acima de 12 mil toneladas) no Brasil, é que esse bem de capital, que tem acesso a linhas do BNDES com juros de fomento, terão um impacto imediato com a alta da TJLP até 1º de março, piorando ainda mais o quadro do setor automobilístico de elevados estoques e redução de produção. "Só podemos entender a decisão do governo de manter a atual base de cálculo da taxa do BNDES se for para sinalizar para esperarmos pela reforma tributária", comentou André Beer, executivo da General Motors.

O presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva, disse que a entidade está reclamando ao presidente da República contra o aumento dos juros pa-

ra investimento do setor produtivo neste momento. "O presidente nos garantiu que os juros iriam baixar e a nossa expectativa era em torno disso, jamais ao contrário. Mesmo porque essa taxa nova que vigora até 1º de março reflete um passado que já está superado internacionalmente pelo Brasil", comentou Piva.

A questão fundamental para os empresários, que participaram ontem da cerimônia de posse do novo líder do forum empresarial da Gazeta Mercantil, é que há uma componente de política de sinalização econômica do Estado, quando se estabelece a taxa de juros do seu principal instrumento de fomento, e desta vez a sinalização "foi a pior possível, mes-

mo que saibamos que em março os 18,5% de juros, mais o "spread" de 5% e as taxas de repasse de 2%, já poderão ser revisto", comentou Sérgio Magalhães, do setor de máquinas e equipamentos. "quem já mudou a fórmula uma vez, muda outra. O importante para o País é não provocar uma parada dos investimentos", completou.

Para as empresas que não tomaram a TJLP, justamente por não confiarem na sua componente política, o momento é de comemoração. "Nós na Rio Negro sempre apostamos nas taxas baseadas no IGPM, porque achamos que dessa forma estaríamos mais próximos da realidade da inflação e como a inflação é negativa há vários meses estamos ganhando com isso. Ou seja, o caminho do empresário é procurar estar longe das idas e vindas do gover-

no", disse Carlos Jorge Loureiro, presidente da Rio Negro, uma dos maiores centros de serviços e distribuidores de aço do País.

"Manter a fórmula para esse aumento pode ser, na verdade, uma maneira do BNDES, dizer um não, elegantemente, aos novos pleitos de

"Só podemos entender a decisão do governo se for para sinalizar para esperarmos pela reforma tributária", comentou André Beer

tomada de dinheiro pelos empresários nas suas linhas. E que nós sabemos de antemão que devem ser muitos, uma vez que o

acesso ao crédito internacional ainda está difícil para as companhias brasileiras", ponderou Nelson Peixoto Freire, cuja empresa produz equipamentos principalmente para o setor siderúrgico.

O presidente da Baterias Moura, Edson Moura, afirma que já passou da hora do governo mostrar sensibilidade para os setores que empregam e produzem no País.



Rinaldo Campos Soares